

# Banqueiro quer alívio da dívida

19 SET 1988

Rosental Calmon Alves

NOVA IORQUE — Quando o presidente da American Express Company, James D. Robinson III, anunciou, sete meses atrás, um ousado plano para solucionar a crise da dívida externa do Terceiro Mundo, as reações foram logo negativas. O governo americano o acusou de querer sacrificar os contribuintes e seus colegas banqueiros repetiram a velha história de que tinham direito de receber tudo o que está escrito, sem ligar para outras considerações.

Recentemente, James Robinson foi convidado a explicar suas idéias no Senado americano. Ele repetiu seu plano sobre a criação do Instituto Internacional de Dívida e Desenvolvimento (a sigla ficou I2D2), mas desta vez a reação geral não foi nada negativa. De fevereiro para cá, o mundo mudou bastante e tanto os governos dos países ricos quanto os mais teimosos banqueiros já reconhecem que é preciso deixar de dar aspirinas ao paciente e que a doença da dívida externa só vai ser curada com algum remédio forte.

A expressão da moda nos meios financeiros internacionais é *debt relief*, alívio da dívida, que pode ser ainda melhor traduzida por abatimento da dívida. Até a nova Lei de Comércio dos Estados Unidos tem um artigo especial determinando que o governo procure "respostas adequadas" para a questão da dívida, o que sinaliza uma determinação para o país sair da fria visão do governo Reagan de insistir que se trata de um problema comercial, que deve ser resolvido no âmbito puramente dos negócios.

**Bomba** — Do 51º andar da monumental American Express Tower, um edifício recém-inaugurado perto de Wall Street, James Robinson explica hoje suas idéias com o gosto de quem vê seus críticos irem gradualmente perdendo argumentos. Para ele, a crise da dívida é uma "bomba de tempo", que só não vai explodir, causando sérios danos para todo mundo, se algo dramático não for feito. Mas ele ressalva que, felizmente, a tendência agora é de se encaminhar para uma solução.

O I2D2 é apenas "uma maneira de ver o problema", diz Robinson, ressaltando que há muitas outras alternativas. O importante, acentua, é que a crise da dívida "é um problema comercial, mas também geopolítico, econômico e de desenvolvimento".

**Estabilidade** — "É preciso rever o fluxo de capitais", que atualmente é dos países mais pobres em direção aos mais ricos, "ou jamais se chegará ao crescimento. Sem crescimento não há estabilidade política. Sem estabilidade política, há instabilidade no mundo e isso não é bom para ninguém". Robinson destaca como um fato da maior importância a iminente entrada das Nações Unidas na discussão e nas negociações sobre a crise da dívida.

"Eu acho que a ONU pode desempenhar um papel muito importante porque hoje em dia o problema não é mais puramente bancário", diz ele, lembrando que a ONU compreende muito bem os problemas dos países pobres e em desenvolvimento, podendo ajudar na busca de uma solução — "seja em forma de abatimento da dívida, seja na criação de novos créditos, ou através de ambas alternativas".



James Robinson III: reformas em direção à economia de mercado